

VOCÊS AINDA NÃO VIRAM NADA

MUNHOZ

JAIME PRADO GOUVEIA

Faculdade de Direito — 4º ano

Olhem, prestem atenção: o trenzinho tinha acabado (mesmo que por um momento vacilasse, desse a impressão que com mais um pouco descarrilhar: e essa impressão porque êle tinha falado: nunca ninguém conseguiu tanta perfeição, êle vai funcionar como um trem de verdade, vai, vocês vão ver o que é um trem de verdade.) tinha acabado de vencer a primeira curva, a máquina fêz que ia sair dos trilhos mas arrumou o corpo a tempo, reincorporou-se, firmou a luzinha que correu até a próxima curva e os vagões entraram do mesmo jeito, cumpridores, aquela máquina não tinha condições de falhar nunca. *Prestem atenção, esta máquina não vai falhar nunca.* E meteu o calcanhar no chão, a cadeira se entornou e êle riu aberto. *Não falha! São dois anos de trabalho, mas ninguém no mundo pode fazer igual! Olhem: só êste painel ficou nuns dois milhões. E dois milhões porque o meu cunhado é representante da firma: essas coisas chegam pra êle tôda hora, êle pôde facilitar pra mim. Isso fora a mão de obra. Esta laje, por exemplo, eu tive de mandar construir porque os outros cômodos são muito pequenos para poder armar os trilhos. Levou uns quatro meses. Quatro meses, tá? Mas ninguém mais pode fazer isto!* E esticava a mão até o maço de cigarros, tirava um, tamborilava sossegado, acendia e esticava os pés, trenzinho definitivamente correndo, dono dos trilhos, não descarrilharia nunca.

Era um grande sujeito, sabe? Um cara espetacular. Ele tinha nos chamado para ver o trenzinho, levou a gente até lá dentro e mostrou: devia ter pelo menos oito metros de trilhos, com dormentes e tudo, sinalização como estrada de ferro mesmo. Era só ir chegando perto de uma curva que a sirene berrava, o farol batia numa placa fosforescente e o sinal aparecia: curva isso, curva aquilo. Ele tocava os botões do painel, da forma de pianista, entende?, com os olhos pregados só nos trilhos, tocava os botõezinhos e o trem dava um breque, colava as rodinhas, e outro botão, no meio da curva, uma acelerada forte, ele passava firme, encorpava-se, o resto dos vagões entrava direitinho atrás, como se estivesse o tempo todo numa reta. *Ninguém pode fazer isto!* E era outro chute no chão, uma gargalhada e logo mandava a gente calar a bôca: *vocês ainda não viram nada!* Um grande sujeito. Nós ficávamos com as pernas apoiadas no assento do sofá, os pés quase dormentes e forçando a vista porque ele fazia questão de deixar luzes apagadas para os sinais aparecerem, as luzinhas, o farol, como um trem andando na noite. Tinha montinhos feitos à margem dos trilhos, *isso é assa-peixe, isso é capim-gordura, tão vendo?* E era mesmo. Nem olhava para ver se estávamos acreditando. O trem deixava fuligem nos matinhos, ele via isto no momento em que deixamos de levar o negócio na brincadeira. Foi quando veio o primeiro medo. As coisas que ele estava vendo e a gente achando muito engraçadas eram a pura verdade. Não porque fôssem verdade, mas porque, de uma forma que de repente pressentimos, faziam uma realidade dura demais para ser desmentida.

Ele dominava aquilo com uma firmeza que nos assustava, os dedos tocando os botões nas horas certas, o trenzinho irrepreensível, tonteando a gente. Parecia mesmo que estávamos no alto de um morro, no meio de uma noite e, de repente, da bôca do túnel de musgo e papel-lixia, a faixa de luz dava um tiro e iluminava até o outro lado da parede. Acreditamos, vimos, era verdade! O barulho subia forte, o silêncio de meio mato, um ruído de grilos, cheiro de malas de couro, de mau cheiro de passageiros amontoados e meninos com o nariz pre-



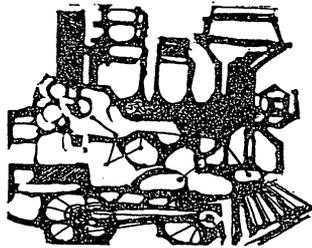
Valéria Guimarães
/71

gado na vidraça perguntando se faltava muito ainda para passarem numa ponte, num túnel. Então êle levantava os olhos, sem virar a cabeça, certo, e conferia no rosto da gente que aquilo era uma coisa muito importante.

Dá vontade de chorar. Você podia imaginar que êle chegaria a êsse estado? Puxa, era um grande sujeito! Êle era um grande sujeito, sim. Mesmo que aquela noite êle tenha nos assustado tanto, seria muito bêsta de nossa parte esquecer quem êle era. Era um cara meio esquisito, falava, baixo cheio de planos, mas nunca deixava de tomar uma cerveja com a gente, discutir futebol, ficar triste sempre que soubesse de algum problema nosso. Aquêles olhos pregados na gente: podia ser muito cansaço, podia estar com o saco cheio de ouvir a gente falando, podia, êle podia estar só preocupado com os planos dêle, é claro. Gente, um ano inteiro construindo aquilo, dirigindo os pedreiros o tempo todo durante a construção da laje!, foi êle que escolheu os decalques para enfeitar a máquina, a disposição dos trilhos, a inclinação que as curvas deveriam ter para não prejudicar quando, logo que vencidas, a máquina tomasse corpo e pegasse sem problemas uma elevação, depois a descida, a reta vindo devagar e, enfim, o apito despreocupado, um grito invadindo a campina. E o silêncio fechando escuro atrás do último vagão. Era um grande sujeito e dominava tudo com uma tranquilidade que nos angustiava. Êle dominava tudo como queria, tinha passado um ano construindo aquilo, nós só podíamos ficar olhando, sem poder dar palpites, uma coisa que êle dominava como, que êle dominava como, como um Deus. Um Deus. O trenzinho passando macio, firme, êle dirigindo, muito acima da gente, como um Deus. A única esperança que a gente podia ter era de que êle falhasse pelo menos num ponto, que êle falhasse de algum modo, para que pudéssemos destruir aquela firmeza que era absurda, porque era absurda. Porque era. Era um grande sujeito. Êle não tinha nada que fazer aquilo.

Olha, êle construiu quase um mundo inteiro. Conseguiu adaptar um autorama passando a rodovia ao lado dos trilhos,

e pontes e cruzamentos com todos os sinais direitinho. O diabo do cara combinava as coisas com uma perfeição incrível: ligava o trem, o trem ia, e logo depois os carros começavam a correr e só diminuiam a marcha na hora da travessia, respeitosos de não enfrentar a locomotiva que vinha apitando e gritando que ia passar. Colocou umas casinhas com cercas apropriadas, avisos dizendo que as crianças e os animais ali e aqui expostos, respeitava a sinalização e as coisas seguiam sem perigo de acidente. Sem perigo nenhum. Um Deus como qualquer outro. De vez em quando, saturado, êle pegava uns bichinhos, um mosquito sem asas, uma formiga meio morta, e os deitava nos trilhos. O trem vinha e os atropelava. Os corpos eram removidos amarrados nos capôs dos carros, as sirenes tocando e pedindo preferência.



Foi aí que êle cresceu e começou a determinar os acidentes, ora matando bichos, ora deixando um carro ou outro desavisadamente ultrapassar os trilhos e ser colhido pela locomotiva, a essas horas sempre passando em silêncio e em alta velocidade. Desligava o mecanismo no momento exato para evitar um curto-circuito eventual, fazia a trombada, verificava num instante sua extensão e até aonde poderia ser chamado tragédia ou simples acidente ferroviário. Mas, mesmo, o que estava planejado era um clima que viesse possibilitar um grande desastre, uma coisa terrível que mostrasse não uma

falha, mas, principalmente, um planejamento frio, calculado. Uma perfeição que fôsse, para nós, outro assombro.

Quando conversamos, depois, concluímos que a única saída era a sabotagem. Ficamos nós encarando por sôbre as xícaras de café, os dedos enrolados na toalha da mesa, sabendo perfeitamente que aquêlê mêdo tinha fundamento, uma seriedade profunda. Êle tinha alcançado um grau de superioridade que nos dava o direito de sentir êsse mêdo. A gente via claramente que êle não ia parar na primeira tragédia, que depois desta viriam outras e, possivelmente, êle não ficaria restrito aos trens e carrinhos. Primeiro, os bichos, o olhar dêle dizendo que nem tentássemos compreender seus planos, mas, se quiséssemos — e era o que, havia algum tempo, vínhamos fazendo —, poderíamos ficar ali sentados, vendô como as coisas avançavam certeiraamente, o poder sôbre os objetos, o jôgo bem tramado, silencioso, a lenta destruição que aguardava quieta no fundo daqueles brinquedos. O que seria?, porque parecia ser tão diabólica a segurança com que êle determinava os pequenos destinos ali dentro do quarto, os trilhos e a rodovia cada vez mais entrelaçados, os acidentes se sucedendo, as mortes de bichinhos indefesos e a satisfação, a serenidade de poder matar quem êle quisesse, na hora que bem entendesse? Nós estávamos apavorados, sim, era evidente a necessidade de destruir tudo antes, destruir tudo antes. Uma hora em que êle se distraísse. Era preciso.

Êntão êle nos chamou para ver. Fomos mais cêdo, na esperança de que nos mandasse esperar por êle no quarto. Mas, quando chegamos, êle já estava sentado no chão, acabando de ajeitar os fios, a posição dos carros e da locomotiva. E, desta vez, pela primeira vez, uma longa fila de bonecos estava disposta sôbre a ponte da primeira curva, como em procissão. Foi logo que entendemos: os bonecos, nenhum tinha rosto estranho. Era impossível reconhecê-los — êle tinha desenhados nêles bigodes, as mulheres com longos véus —, mas a certeza de que eram todos conhecidos tinha vindo muito clara, como se estivéssemos folheando um álbum de fotografias, lembranças de amigos, da família. Até de gente esquecida

a quem êle nos apresentara rapidamente, mas que, como quase tudo era concernente a êle, de uma forma ou de outra ficaram grudados em nossa memória.

Êle estava sentado no chão desde cêdo, calmo, preparando o palco em silêncio: silêncio das máquinas desligadas e da nossa respiração medida, poupada para os olhos que precisavam, tinham de saber, descobrir uma forma de frustrar seus planos. Já sabíamos quem seriam as vítimas desta vez. Naquela fila, puxando-a, destacávamo-nos cada vez mais nítidos, nós e êle, e entendemos que sua calma tinha o pêso de quem ia morrer, mas que isto era por sua escôlha, uma decisão longamente conquistada. Entendemos enquanto êle, de costas, mostrava a nuca como de uma criança reclinada sôbre o brinquedo. Uma nuca como as outras, calma, segura, e por isto mesmo o mêdo ocupou todo o quarto, as janelas fechadas, a porta já com a chave escondida. Estava esperando, sem pressa, porque sabia que nós tínhamos mais condições de reagir. A hora que êle quisesse. Como sempre.



Apertou o botão pela primeira vez e a luzinha respondeu vermelha, perfeita. Então respirou fundo, correu os olhos pela extensão das pistas, voltou, bateu a mão aberta no joelho e nos encarou. *Como é que é?* Ficamos firmes. Êle ajeitava os cabelos com a ponta dos dedos e continuava a examinar as pistas. *Acho que vocês já me entenderam.* Foi até perto dos bonecos, ajeitou o alinhamento, uma ou outra roupinha desmantelada, passou a mão entre êles para que não ficasse sujeira nenhuma ali, nenhum obstáculo quando as máquinas, ligadas, se enchessem de energia e disparassem violentamente

em direção a êles. Ele sabia que nós estávamos apavorados, olhando em tôdas as direções na tentativa de descobrir uma possível falha, um jeito de sabotá-lo sem que êle percebesse, mas sabia também que isto era rigorosamente impossível. Como um Deus: *eu avisei que isso não falharia, que ninguém mais conseguiria fazer, ninguém!* Calmo, rigorosamente dono. Sentíamos o suor nascendo, aquêles frio freando os dentes, a língua crescendo no céu da bôca. Ele nos olhava agora com um meio sorriso, tudo como tinha planejado. *Vocês não têm que ficar com medo, isto vai acabar num instante.* O mundo inteiro dentro do quarto. A fila imóvel no fim da curva, subindo para a ponte, os carros apontados, os trilhos ligeiramente desviados na direção do primeiro boneco: o trem passaria rápido, fazia a curva sem problemas, mas, de repente, fazia um barulho, um tropêço, saíria desgovernado para destruir tudo que estivesse na frente. Os carros viriam apenas para conferir, evitar que algum boneco escapasse.

Segurou dois fios com a mão esquerda, descascando suas pontas com as unhas, enquanto ajeitava os dedos da direita sôbre o painel. *Agora!* A máquina respondeu logo, rangeu e começou a arrancar os vagões de lugar. Venceu rapidamente o espaço até a curva e nós fechamos os olhos, o coração quase parando. Um barulhinho curto, menos do que esperávamos. Olhamos de nôvo. O trem venceu a primeira curva, passou rente aos bonecos e correu para o túnel, os carros deslizando, suavemente pela rodovia desimpedida. Ele se mantinha calmo, a procissão estava salva. Ele estava calmo e enrolava nos dedos da mão esquerda os dois fios, olhando descorado para o trem que completava a volta e corria para passar de nôvo pela ponte em curva, pelo túnel, girar indefinidamente. E continuou calmo quando, os dedos enrolados nos fios, êle acionou todos os botões e deu carga máxima. O trenzinho e os carros continuavam deslizando, na perfeição de sempre, e nós pensamos que logo êle se levantaria para reorganizá-los, começar novamente. Mas êle não se levantou. Ele falava sempre que aquela máquina não tinha condição de falhar. E não tinha mesmo.